



PANORAMA

PANORAMA

REVISTA PORTUGUESA DE ARTE E TURISMO

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — PALÁCIO FOZ — PRAÇA DOS RESTAURADORES — LISBOA
EDIÇÃO DO
SECRETARIADO NACIONAL DA INFORMAÇÃO CULTURA POPULAR E TURISMO



SUMÁRIO

PÓRTICO * ★★

O NATAL DO NORDESTE TRASMONTANO * António Mourinho

NATAL MINHOTO — As poéticas tradições do «canhoto» da lareira e do vinho quente * Manuel de Boaventura

O NATAL NAS BEIRAS * Jaime Lopes Dias

O NATAL NA ESTREMADURA * Luís Chaves

NATAL ALGARVIO * Mário Lyster Franco

NATAL NO DOURO — Recordações * Fernando de Castro Pires de Lima

NATAL DE GOA * Vimala Devi

O NATAL NO RIBATEJO * Natércia Freire

O NATAL EM MACAU * Danilo Barreiros

IHA KALAN BOOT JESUS MOURIS IHA MANU KOKOREEK * Fernando Sylvan

PEQUENO POLIPTICO DO NATAL DE MOÇAMBIQUE * António Maria Zorro

NOTA PARA O NATAL DE CABO VERDE * Nuno de Miranda

NATAL ANGOLANO DE 1961 * José Redinha

O NATAL ALENTEJANO * João Falcato

NATAL NA GUINÉ * Artur Augusto

NATAL NOS AÇORES * Armando Cortes-Rodrigues

NATAL MORENO * Francisco Tenreiro

RECORDAÇÕES DO NATAL MADEIRENSE * Fernando Jasmins Pereira

DOCUMENTÁRIO GRÁFICO DA VIDA PORTUGUESA * ★★

*ESCAPARATE BIBLIOGRÁFICO * REGISTO DAS ARTES * REGISTO TEATRAL * REGISTO MUSICAL* * ★★

Execução Técnica das Oficinas Gráficas da E. N. P. (Secção Anuário Comercial de Portugal), Neogravura, Lda., e Bertrand, Irmãos, Lda. ★ Extratexto de Gráfica São Gonçalo.

Assinatura (4 números):
Continente, Ilhas e Ultramar 100\$00
Brasil e Espanha 120\$00



NÚMERO AVULSO: 27\$50

DIRECTOR LITERÁRIO: RAMIRO VALADÃO
DIRECTOR GRÁFICO: JÚLIO GIL

MÁRIO LYSTER FRANCO

NATAL ALGARVIO



*O PRESÉPIO DO PALÁCIO
E JARDIM DE ESTÓI*

NATAL minhoto, Natal de Trás-os-Montes ou Natal beirão, perante a recordação do maior acontecimento da História da Humanidade, o sentimento é o mesmo e a reacção é semelhante nas terras cálidas do Sul!

Prepara-se carinhosamente o ambiente familiar para a festa da Grande Noite, ouve-se o repicar dos sinos para a Missa do Galo e ainda que aquele tenha, como em toda a parte, um sabor diferente de todos os outros repicares, falta, no entanto, ao Natal algarvio qualquer coisa que talvez seja o conchego que a neve dá!

Enchem-se de cromos os mostruários das lojas, engrinaldam-se mesmo vistosamente as próprias ruas, arma-se o Presépio nas igrejas e mesmo em muitos lares — são notáveis, por alguns pormenores da figuração e pelo seu conjunto, os do Asilo de Santa Isabel e da Misericórdia de Faro e o que está permanentemente exposto em recinto próprio do Palácio e Jardim de Estói —, em muitas casas entroniza-se logo o Deus-Menino, mas... noites por vezes tão calmas como as melhores de pleno Estio — recolheram-se ainda não há muitos dias as mesas e as cadeiras das esplanadas dos cafés... — há algo de imponderável que dispersa as almas e que rouba à recordação do grande acontecimento o encanto que, de facto, tem.

O Natal, que, no admirável dizer de Júlio Dantas, há quem considere a festa, por excelência,

da criança e em que outros vêm, não a festa do Filho, mas a da Mãe, não a apoteose da Criança, mas a da Mulher, é principalmente e antes de mais nada a festa da intimidade, a grande Festa do Lar.

Todos, aliás, lhe chamam, e com razão, a Festa da Família.

Mas o Algarve é, sobretudo e sob todos os aspectos, o maravilhoso cenário próprio para os grandes espectáculos exteriores, para as grandes orquestrações da Luz e Cor. Dêem-lhe tudo quanto seja álaçre, e não levem a mal que uma região que vive principalmente para as grandes exteriorizações, em que todos os verdes são intensos, todos os azuis têm volume, todos os vermelhos sabem a ocre e o branco é sempre constituído pelas próprias reverberações da cal — uma região que, aliás, se não mantém alheia e antes sente como qualquer outra os grandes acontecimentos da Cristandade —, possa dar à primeira vista a impressão de que não tem pela festa do Nascimento do Redentor — uma festa que está nas raízes do nosso próprio ser! — o culto tradicional que em outras terras lhe dedicam.

Fruto das próprias condições do clima, pouco propenso para a meditação e para o recolhimento, resultado de uma maneira especial de ser, pouco dada ao ensimesmamento? Atrevemo-nos a dizer que sim.

O Natal é a festa da lareira, do cepo que arde pela noite adiante — quanto maior, maior será a seara —, enquanto lá fora a neve ou a própria chuva traçam filigranados nas vidraças. É, numa palavra, a festa do calor humano. É a festa dos que estão em casa e o Algarvio adora andar na rua...

E posto que não falte, melhor ou pior, em quase todos os lares a ceia própria, com os seus belos olores do lombo ou da chouriça assada e da carne de porco com amêijoas, os pratos acogulados de doirados fritos, por vezes escorrendo o não menos doirado mel, as filhós, os bolinhóis, as empanadilhas de batata doce, as bolotas, os figos, os pinhões, dificilmente se aguenta o calor do fogo conjugado com o interior da «medronheira», apetece mais o ir cantar para a rua e não há propriamente um filho pródigo que, fiel à história, nessa noite regressasse ao lar...

De uma Festa de Natal assim extravertida não há que estranhar que falhe a fama e que claudique um pouco a tradição.

Também por cá se cantam as «Janeiras», mas é principalmente nas «charolas» que o Natal algar-



MÃE ★ No caminho de Lagos
Fot. João Martins

vio encontra o seu apontamento coreográfico e musical.

Vão os grupos de monte em monte, às vezes por alguns quilómetros em redor, cantando de sítio em sítio e principalmente em frente às casas que já sabem que recebem bem e em que se sabe que está o Menino «armado» em seu trono, no qual os motivos decorativos são principalmente as clássicas flores de papel, as laranjas bem amaduradas e as bem formadas «cabeleiras» e em que a própria imagem venerada em figurações diferentes se repete, desde o pequeno Presépio à



ERMIDA ★ Perto de Armação de Pêra
Fot. João Martins

altura dos olhos, uma, duas, três, tantas quantas haja em casa, em sucessivos degraus até ao tecto. E ao cair da tarde, transidas de cansaço e, vamos lá, por vezes também de sucessivas libações, em sítio previamente anunciado muitas «charolas» se reúnem e há concursos, competições e despiques.

Lástima, sobretudo, que aos grupos se vá dando o sabor de «estudentinas», introduzindo-se-lhes instrumentos musicais alheios e fornecendo-se-lhes letras e músicas de autêntico sabor revisteiro, com lamentável secundarização dos cantares próprios que nos falam do Deus-Menino.

Mas as «charolas» têm sua graça e seu encanto e é ainda do nosso tempo as coisas não serem assim.

E recorro neste momento, com saudade, aquela tarde de Reis em que proporcionei a

José Leite de Vasconcellos o ensejo de escutá-las pela vez primeira, ali para as bandas de Moncarapacho, dos Quatrins, no Norte e Sul, e da Alfandanga. E era vê-lo, entusiasmado, aos encontros da população, a copiar os versos:

*Pastorinhos largai o gado,
Que esta noite é de alegria,
Pois nasceu o Deus-Menino,
Filho da Virgem Maria...*

ou estes, mais característicos, com a presença do Mar, sempre no cerne das manifestações algarvias:

*— Ai, que lindo pescador!
Dos seus cabelos fez redes,
Dos seus olhos fez anzóis ...*

Faro, Novembro de 1961.